

Posse do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe 18 de Janeiro de 2018

*Palavras da presidente
Aglaré D'Ávila Fontes**

É um costume já consagrado, que em momentos solenes se anunciem que o Sr. Fulano de Tal ou o presidente de uma determinada instituição:

*“Fará uso da **palavra**”*

Em outros momentos conforme a solenidade se costuma dizer:

*“A **palavra** está franqueada a quem dela quiser fazer uso”*

Pelo que se vê, a **palavra** é um elemento de grande importância, porque estando ligada ao pensamento, pode ser expressa através da fala.

Agora, os senhores membros da mesa diretora do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, acabam de me entregar a **palavra**, e me vejo na obrigação, de fazendo uso dela, trazer à cena algumas ideias que justifiquem aos que aqui vieram, o tempo empregado em me ouvir.

Senhoras e senhores, amigos e convidados aqui presentes:

A **palavra**, para soar requer uma *energia*

Essa energia é o sopro da ideia e se apresenta através da fala ou da escrita.

Isto me faz lembrar um povo africano que habita as falésias de Bandiagara ao leste do rio Niger, no Mali: os dogons.

Na sua sabedoria eles consideram que a **palavra** tem um poder transformador inquestionável, pois é Divina. Teria sido revelada a um dos seus ancestrais – Bicon Séron, primeiro sacerdote totêmico, e repassada aos demais homens ou Maa como lhe denominou o criador supremo: Maa Nagla.

Para eles a **Palavra** é constituída de 4 elementos:

Água - que fornece a vida;

Terra - que lhe dá sentido;

* Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.

Fogo - que lhe dá calor;

Ar - que lhe dá o sopro da fala.

Para enriquecer a **palavra**, acrescentam *simbolicamente* o óleo que vem do sangue e lhe dá beleza e charme, produzindo a **palavra bela**. E sal e mel também dosando segundo a necessidade.

A junção dos elementos faz com que a **palavra** tenha equilíbrio e produza sementes se tornando então uma “**boa palavra**”.

Mas se a dosagem sair errada, a **palavra** se faz vazia, estéril e nada significa “**palavra ruim**”.

Nas sociedades orais, além da memória muito desenvolvida é a **palavra** que tem força, sendo “o laço que a une ao homem” nos diz Hampaté Bá grande etnólogo e pesquisador da cultura africana: “Onde não há escrita o homem está ligado à sua **palavra**”

Historicamente a **palavra** tem então o poder de construir ou destruir, pois possuem três potenciais:

Poder

Querer

Saber

Suas 3 potências recebem vibrações das forças divinas e ficam cheias de magia ou Sacralidade.

Ao me entrarem a **palavra**, os senhores correm um risco muito grande, porque ao atingir seus ouvidos elas podem produzir efeitos diferentes.

Se ela for muito forte, queima... Mas se for doce, cheia de água e óleo, pode até ser benéfica. Se tiver água demais e se fizer vazia, sem força, pode provocar sonolência.

Porém se tiver mais fogo que água, pode vir a desagradecer, o que é muito ruim em uma solenidade.

Entretanto se for cheia de elan, com aspectos significativos e com um ritmo agradável de ouvir, pode até causar magia e encantamento.

Para isso tenho que passar também pelo risco dos 3 estágios: o primeiro é o do pensamento, o segundo é o da sonoridade das **palavras** escolhidas e o terceiro é realmente a construção do falar, a emoção expressa.

Preciso então escolher para minha fala, **palavras** com melhor ritmo, sonoras, significativas, e fortes na interpretação do pensar.

“Se há épocas em que os ouvidos e o coração se fecham para o mágico e o poético, outras, entretanto, encontram o homem pronto a se encantar”.

Gislayne Avelar Matos in A Palavra dos Contadores de História



Estava eu em São Cristóvão quando ouvi uma **palavra** revestida na doçura no dizer. A prof.^a Terezinha Oliva me consultava se aceitava me candidatar a presidência do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe – a Casa de Sergipe.

A **palavra** às vezes sai do mel para o fogo de forma rápida e surpreendente.

Surpresa, admiração, confusão, loucura no meio da praça S. Francisco após um espetáculo, com vozes tumultuando o espaço a ideia nunca pensada. Não é sem razão que Cassier na sua Antologia Filosófica diz que:

“O tempo guarda uma força misteriosa que abrange o presente o passado e o futuro que abarca todas as experiências humana numa corrente continua.”

359



A **palavra** se fez continua.

Voltou depois envolvida em um convite para conhecer o funcionamento do lugar e ser talvez conquistada.

Dois amigos queridos me conduziram então pelos espaços do Instituto: Samuel e Terezinha.

Vi a organização, seu pessoal solícito, os sonhos sonhados e realizados, vi a seriedade do trabalho que a casa guardava.

As palavras ganharam ritmos diferenciados e sonoridades na busca do meu convencimento.

Mesmo assim, com mil desculpas, veio um *não*. Pronto. Estava livre. A **palavra** fez a resposta ser dada.

Mas as **palavras** voltavam a funcionar, dosadas no equilíbrio do mel e de um pouquinho de sal e de outros ritmos nas falas, e nas ideias, buscando outros caminhos para o convencimento. A **palavra** *palavrou a minha cabeça* e como diz a linguagem popular sergipana: foi uma *danção* no juízo.

A dúvida sorrateira se instalou, enfraquecendo o *não*.

Nas horas da noite, em forma de sonhos as **palavras** se degladiavam como duas personagens distintas, de uma história cuja dramaturgia buscava um final feliz na defesa da lógica de seus motivos. A cortina se abre.

Na cena, impetuosa, surge a dona do *não*. A cena não combinava com ela, pois era o jardim, da minha casa com um casal de bentevis anunciando sua chegada na residência que montaram no ipê roxo e as roseiras se abrindo em cores de quem talvez a moça tenha herdado alguns espinhos.

A dona do *não* possuía o reforço do calor, no convencimento:

– “Que aceitar nada, vá curtir sua vida! Seu jardim... Suas roseiras... seus escritos...”

– “Ora me poupe! Vá escrever seus livros! Já terminou a História dos Lugares? Garanto que não.”

– “Vá aprofundar suas pesquisas sem tempo de concluir.”

– “Já fez tanta coisa na Cultura, se aquiete criatura!”

– “Lugar sem recurso, para viver de tigela na mão, parece até um carma.”

– “De novo lidar com gente, administrar... acho uma loucura.”

– “Não tinha dito não? Segure o não. Não vá!”

– “Eu lhe conheço: só faz tudo com paixão, se doando por inteira ao que faz... Não acho graça nessa ida pro Instituto.”

360



E com uma **palavra** mais cheia de fogo disse em alto tom: *olhe se você aceitar eu lhe interno!!!*

O conflito foi instalado, na cena teatral da decisão! E como convém a uma personagem dramática, saiu de cena suspendendo os ombros com desprezo.

Mas a palavra dona do *sim* tinha misturado água com mel e entrou suavemente em cena enquanto se ouvia a uma sinfonia de Mozart, acho que a 41 ou podia ser o Trenzinho Caipira de Villa-Lobos numa estrada com mil curvas de conflitos acumulados.

– “Pois é... claro que tem trabalho, mas no fundo você gosta... Lidar com memória...”

– “Depois lá está tudo organizado, o pessoal é muito bom...”

– “É um lugar de memória coisa que você sempre defendeu.”

– “Não precisa ir morar lá, organize seu tempo...”

– “Experimente...”

– “Depois... todos vão lhe ajudar, é uma equipe unida.”

– “Todos são voluntários mas comprometidos com a Casa.”

Novamente os dogons com suas casas penduradas nas escarpas de Bandiagara, vieram em meu socorro com um provérbio do Mali:

– O que é pôe uma coisa no jeito?

– É a palavra.

– O que é que atrapalha uma coisa?

– É a palavra.

– O que é que mantém as coisas no seu melhor estado?

– É a **palavra**!

Na verdade a **palavra** tem poder.

Tem querer e é preciso saber misturar seus elementos.

A cena se encerra mas outra se inicia.

Senhores:

É por causa da **Palavra** que estou aqui...

As sementes geraram convencimento para enfrentar o desafio de presidir junto com uma equipe competente a Casa de Sergipe que para mim é também a Casa da **Palavra**.

Casa Guardiã de Memória:

Entre suas paredes, *documentos, fotos, livros e linguagens diversas expressas* também nas artes visuais, vivem sendo visitados e consultados.

Casa Guardiã do pensamento dos escritores sergipanos e aberta para dividir com todos, seu importante acervo documental o que a faz respeitada, pelos serviços prestados nos seus 106 anos de vida desde de a criada em agosto de 1912, pelos intelectuais da época chefiados por Florentino Telles de Meneses, contando com Prado Sampaio e João de Silva Melo tendo como objetivo o estudo e a defesa da cultura sergipana.

De seu acevo constam ensaios, críticas, textos filosóficos, produção científica do Estado de Sergipe, teses, história de épocas diversas, etnografias, pensamentos de múltiplas tendências e estilos.

Todos vêm esta *Casa* como um espaço sólido que não se move a sabor dos ventos de ideologias políticas mas está sempre aberta para consultas de fontes importantes entregando seu conhecimento consolidado pelo tempo, atendendo a todos que a procuram. Das suas entranhas, surgem vários espaços especiais:

Uma biblioteca com 30 mil volumes dentre os quais 8 mil de autores sergipanos. O museu Galdino Bicho com objetos históricos, mosaicos, cartografia, um arquivo com certidões, cartas documentais de vários períodos, sem falar na hemeroteca com jornais do passado, outros extintos e os atuais, merecendo destaque para sua revista em circulação desde de 1913, e analisada como a segunda *Revista* científica mais importante do país. Considerada como instituição de utilidade pública tanto estadual como federal, o instituto Histórico faz jus também ao título de utilidade pública Continental desde de 1916.

A **palavra** presente na história sergipana, nela encontrou abrigo e morada há 106 anos.



Quando fui eleita para a Academia Sergipana de Letras foi aqui que encontrei os textos teatrais de Severino Cardoso patrono da cadeira 12 que ocupo e sobre quem teria que falar no ato de posse. A gentileza do prof. Ibarê Dantas seu presidente, me colocou em contato com as fontes solicitadas podendo então, ter a minha fala muito mais enriquecida.

E aqui estou, merecendo dos senhores a honra de presidir esta Casa, fazendo da **palavra** o meu compromisso em dar continuidade as ações implantadas pela sua diretoria anterior porque são como a “**palavra** boa” dos dogons, plenas de compromisso com a memória, a história e a pesquisa do nosso estado.

E por certo que vou também realizar com minha equipe atividades que vindas da minha forma de ver a cultura, o patrimônio e a memória, possam plantar sementes para abraçar crianças e jovens com laços que venham a consolidar a história do futuro. Buscar o ontem para entender o hoje construindo o amanhã.

Pretendo também não esquecer de lançar um olhar sobre a cultura do povo com seus falares, cantares e fazeres compondo a ideia que hoje se confirma de que as falas, os cantos, as fotos familiares, as festas, a literatura, e o registro oral, são fontes para o conhecimento da história dos lugares e das pessoas. A memória também está diretamente ligada ao patrimônio do povo. Vamos aprimorar sua trajetória em defesa de seu entendimento, oferecendo acesso aos seus bens simbólicos, porque como nos diz Cecília Londres:

“Patrimônio é tudo que criamos, valorizamos e queremos preservar. São os monumentos e as obras de arte, e também as festas, músicas, os folguedos, as comidas, fazeres e falares o que produzimos com as mãos, as ideias e a fantasia.”

Na construção da história nada pode ser deixado de lado.

Considero uma honra ter sido eleita para esta *Casa* e espero dar continuidade ao que aqui foi implantado pelos professores Ibarê Dantas e Samuel Albuquerque na construção de caminhos, propondo práticas e estratégias, fortalecendo a ideia de identidade e pertencimento ao nosso estado.

Ao tempo em que agradeço a honra das presenças de todos, concluo a minha fala deixando com os senhores um poema de Maria Beatriz Rezende.

Museu

*Era uma vez uma gente que falava uma língua
Que vivia num tipo de casa,
Que trabalhava e fabricava coisas,
Determinadas coisas.*



*Que se divertia, inventava brincadeiras,
Que contava histórias,
Que comia uns tantos quitutes,
Que se vestia mais ou menos assim...
Que conhecia uns bichos e umas plantas.*

E tinha gente que gostava de pintar.
E tinha gente que gostava de moldar,
De cantar, escrever, representar.
Pintavam, moldavam, cantavam o que sentiam;

E no meio dessa gente que fazia tanta coisa,
Apareceu alguém que gostava de guardar.
Guardava coisinhas pequenas numa caixa de sapato
E as grandes dentro do quarto e não
Parou mais de guardar.
Ninguém entendia muito aquela mania.

Ai, um dia, aconteceu de o mundo girar tão depressa
Que toda a gente do lugar adormeceu.
Quando enfim despertou, estava esquecida do que fazia...
De como morava, do que comia.
Não se pronunciava palavra,
Não se ia a nenhum lugar, nem se tinha uma ideia qualquer.

De repente apareceu a pessoa que guardava
E convidou todo mundo até a sua casa.
Então toda a gente entendeu
Que a mania de guardar
Era para poder lembrar.

A casa ficou famosa.
Quem a visitava, lembrava do que mais gostava
*E gostava do que mais lembrava,
E poucos se deram conta de que a vida assim continuava.*

Obrigada!



Edição	: 2018
Impressão	: Gráfica J. Andrade
Papel de miolo	: Off Set 75g/m ² da Suzano
Papel da capa	: Supremo 350g/m ² da Suzano
Tiragem	: 150 Exemplares
Tipologia	: Philosopher